

VIAGENS E VIAJANTES: UMA LITERATURA DE VIAGENS CONTEMPORÂNEA

Luís Antônio Contatori Romano (UFPA)¹

Resumo: *Relacionar o panorama histórico da viagem e do turismo à Literatura de Viagens. Propor uma Literatura de viajantes contemporânea, fundada na singularidade do olhar, transfiguração da experiência pela linguagem e referências intertextuais que os espaços desencadeiam na mente do viajante.*

Palavras-chave: *literatura de viagens; peregrinação; turismo; Cecília Meireles.*

O pensador alemão Hans Magnus Enzensberger (1985), no ensaio “Uma Teoria do Turismo”, de 1958, observa o fato de a história do turismo ainda não haver sido escrita. Afirma que as pessoas sempre viajaram, pois há referências sobre esse tema já em textos, imaginários ou supostamente verossímeis, da Antiguidade, como a *Odisseia*, de Homero, ou as *Histórias*, de Heródoto. Mas as viagens que se estendem desde a Antiguidade até inícios do século XIX eram motivadas principalmente por fins práticos; em geral, cumpriam razões de Estado, testemunhadas, por exemplo, nas paredes do Palácio de Persépolis, que ilustram as missões diplomáticas na Antiga Pérsia do rei Dario; religiosas, como Édipo indo a Delfos consultar o oráculo; ou comerciais, registradas, por exemplo, no *Livro das Maravilhas*, de Marco Polo. Principalmente os comerciantes frequentavam as estradas e os caminhos marítimos. Em menor proporção, também andarilhos, escritores e estudiosos viajavam.

A finalidade das viagens começa a se modificar no auge do capitalismo mercantil, a partir do século XVI, quando empreendedores individuais, como o francês Paulmier de Gonneville; aventureiros, como Hans Staden; ou eruditos, como Michel de Montaigne, passam a viajar por razões de cunho pessoal. No século XVI ressurgem também as mansões de verão na Itália, o que marca o início da moderna

¹ Professor de Estudos Literários na UFPA, mestre e doutor em Teoria Literária pela Unicamp e pós-doutor pelo IEB-USP, tendo realizado o estudo *Cecília Meireles, Poeta-Viajante: Uma Teoria Poética da Viagem e do Viajante Contemporâneo nas Crônicas Cecilianas*, sob supervisão da Profa. Dra. Telê Porto Ancona Lopez e co-supervisão da Dra. Leila V. B. Gouvêa. Contato: contatori_romano@yahoo.com.br.

villegiatura. Em fins do século XVII, sobretudo jovens aristocratas britânicos empreendem longas excursões pelo Velho Continente, que duravam de seis meses a dois anos, com o intuito de conhecerem a vida mundana e distinguirem-se da mentalidade utilitária da burguesia ascendente, exaltando valores da gratuidade, entre os quais o das viagens sem obrigação. Para esses jovens, a educação recebia seu acabamento com *The Grand Tour*, de onde advém a palavra turismo. Acompanhados de seus preceptores, munidos de *Guias*, eles faziam o *tour* da Europa Continental, Roma era uma das paragens obrigatórias. Além disso, pessoas abastadas passam, a partir do século XVIII, a frequentar estações balneárias para tratamento de saúde. Ressurge, na Inglaterra, a estação termal de Bath, de origem romana; mais tarde, outros balneários são criados, como os de Spa e de Baden-Baden. Também no século XVIII, inicia-se o turismo na cidade litorânea de Brighton, na Inglaterra. Mas, aos poucos, o propósito do tratamento de saúde vai cedendo lugar à viagem mundana pelas estações balneárias, onde as hospedarias vão sendo substituídas por hotéis e passam a contar com cassinos. A partir do Romantismo, em fins do século XVIII, intensificam-se as viagens de estudiosos, artistas e poetas, principalmente à Itália, Grécia, Oriente Médio e Norte da África.

Com o surgimento do hotel de turismo, em fins do século XVIII, invenção do navio a vapor e, quase concomitantemente, das estradas de ferro, por volta de 1830, estão criadas as condições para que o pastor britânico Thomas Cook, em 1841, comece a organizar as primeiras viagens guiadas, com roteiros turísticos pré-definidos, inicialmente em excursões por trem dentro da Grã-Bretanha, conduzindo trabalhadores durante pausas para o lazer, mais tarde levando grupos de burgueses em itinerários pelo continente europeu e Egito. Assim, em meados do século XIX começa a se constituir o serviço turístico por pacotes, o que contribui para que, paulatinamente, ir a estações de águas, visitar ruínas da Antiguidade ou da tradição bíblica, empreender excursões por lugares “exóticos” ou inóspitos vá se tornando um fim em si mesmo.

A intenção passa a distinguir o turismo da viagem tradicional. O viajante tradicional se deslocava, principalmente, por necessidade, em função de atividades de Estado, comerciais ou de crenças religiosas. O turista coloca, em primeiro lugar, motivações pessoais, a viagem como aventura, distinção social ou lazer torna-se um fim em si mesmo; é sua vontade e curiosidade que o motivará a percorrer os caminhos.

Para Enzensberger, o turismo é uma forma relativamente recente de viajar, constituída sob influência da idealização retrospectiva que o olhar romântico projetou sobre os viajantes antigos, medievais e renascentistas, atribuindo-lhes uma aura de aventura. Viajar torna-se um projeto pessoal visando a reencontrar essa suposta experiência da aventura atribuída pelo espírito romântico aos viajantes do passado. O pensador alemão ressalta, porém, a existência de uma exceção que foi a civilização romana, onde floresceu uma atividade de veraneio próxima à do turismo tal como conhecemos hoje. Enzensberger afirma que, do litoral da Toscana ao Golfo de Salerno, multiplicavam-se vilas de mármore e hotéis. Além desse espaço, também Grécia, ilha de Rodas, Ásia Menor e Egito recebiam viajantes romanos abastados.

Sobre essa atividade turística antes do turismo, encontramos também considerações em Juan Gil (2003: 295):

La civilización romana, tan parecida a la nuestra, institucionalizó la trashumancia veraniega. Llegada la canícula, los habitantes de Roma abandonaban en masa la ciudad para procurarse un ameno “retiro” (*secessus*) en Campania, sobre todo en el golfo de Nápoles. Lugar muy de moda fue la atractiva Bayas, “la hospedería de los vicios” al decir de Séneca, quien execró las costumbres disolutas que imperaban en su seno: como que unos hombres, ebrios ya, vagaban por la playa y otros se emborrachaban alegremente en barcos de placer, mientras todo el mar resonaba con canciones, espectáculo en verdad poco edificante para el gusto del filósofo.

As idealizações românticas da História remota, da paisagem, das viagens de descobrimento e de povos exóticos ao olhar europeu, continuam a ser as imagens-guia do turismo até a contemporaneidade. Basta pensar nas excursões que percorrem as ruínas egípcias ou gregas, os lugares sagrados da tradição cristã, as praias caribenhas, a selva amazônica ou o interior da África. Mas, considera Enzensberger, o turista almeja, ao mesmo tempo, o atingível e o inacessível, o distante da civilização e o seu conforto. Dessa forma, o turismo exclui riscos e torna-se imagem da imagem da viagem construída sob o olhar romântico, simulacro de segunda ordem. Embora as viagens de Colombo, Vasco da Gama, Fernão de Magalhães e outros exploradores renascentistas tenham sido planejadas, elas figuram como imagens por terem sido originais, comportavam o risco diante do desconhecido, pois para o explorador não havia certeza do regresso. Já o itinerário do turista é planejado visando a criar a ilusão do viajante-descobridor.

Se a excursão de Delacroix ao Marrocos em 1832 ou de Flaubert ao Egito e Oriente Médio, entre 1849 e 1852, em busca do exotismo, de fato, supunham difíceis condições de deslocamento, transporte de equipamentos e hospedagem, embora, diferentemente dos navegadores renascentistas, se guiassem por rotas já relativamente conhecidas, o turista europeu contemporâneo que deseja observar os grandes animais, a natureza selvagem e supostos povos exóticos do interior da África poderá se hospedar, por exemplo, no Sun City, autodenominado único hotel seis estrelas do mundo, na África do Sul. Ou encontrar, na Costa Rica, todo um aparato turístico que lhe permitirá percorrer a selva e desfrutar das praias do Novo Mundo. Tanto Delacroix como Flaubert mergulharam na alteridade e, de certa forma, desconstruíram a visão do outro como exótico, ascendendo, como o fez o grande pintor, à compreensão de que, no Marrocos, o exótico é o europeu. Mas, o turista contemporâneo preserva sua distância na cápsula do hotel, do ônibus de turismo e na segurança de ambientes standardizados. Para Enzensberger (1985: 222), os hotéis são uma marca da conversão da viagem em “turismo”, diversão voluntária, fechando-se assim as portas da hospitalidade do castelo, da casa de família, da hospedaria ou do caravançaraí, que era asilo no exílio da andança do mercador, do

peregrino, do missionário, do estudioso ou, eventualmente, na necessidade de deslocamento do aristocrata.

Se o turista romântico busca imitar o encontro com o outro que idealiza no viajante de épocas anteriores e, em certo sentido, consegue imitar a viagem; o turista contemporâneo percorre um roteiro pré-traçado e informado, a fim de eliminar o risco e o desconforto. Na aventura idealizada, o viajante poderá também modificar-se a si mesmo; o turista almeja apenas uma pausa relaxante, preservando sua distância em relação ao outro.

No Marrocos, em 1832, participando de uma expedição diplomática francesa, Delacroix vivencia a experiência da alteridade concreta, lá onde os franceses eram rejeitados. Para a pesquisadora Laís Guaraldo (2011: 104-105), o quadro *Uma rua em Meknès* (1832) pode ser considerado a imagem que melhor expressa esse desconforto:

A tela apresenta uma mulher de braços cruzados e olhar pouco cordial, um jovem curioso, um homem com uma faca no colo e um idoso, atrás de um portal, na penumbra. A quem esse grupo encara com evidente estranhamento e distância? A todos que o quadro apreciam.

O quadro remeteria a um passeio pelas ruas de Meknès, cujo clima emocional é assim descrito pelo pintor em fragmento de carta ao amigo Jean-Baptiste Pierret, conforme citado por André Joubin (1984: 20) e compilado por Laís Guaraldo (2011: 105):

Sou escoltado, cada vez que saio, por um enorme bando de curiosos que não me poupam as injúrias de cachorro, de infiel, etc., que se empurram para acercar-se de mim e fazer um gesto de desprezo diante de meu próprio nariz. Você não pode imaginar a gana que se sente de se colocar em cólera e é necessário ter a gana de ver que eu tenho para se expor a todas essas misérias.

A expedição diplomática francesa levou Delacroix também à Argélia e à Espanha. Contemporâneo de *Uma rua em Meknès*, é o quadro *Mulheres de Argel* (1834). Neste último, seria menos evidente a sensação de desconforto do pintor ao representar o olhar do outro sobre si, para quem ele se tornaria exótico, como talvez possa sugerir o olhar curioso de uma mulher argelina para além do que mostra a tela. O quase abandono da postura “orientalista”, que vê no outro a expressão do estranho e do exótico, nota-se ainda na cena cotidiana em que duas mulheres se entretêm em uma conversa. Apesar do cromatismo, a cultura árabe é quase realisticamente representada.

Essa possibilidade do estranhamento em relação à cultura do outro, ainda possível de ser experimentada por viajantes de erudição como Montaigne, Goethe, Delacroix ou Flaubert, entre fins da Renascença e fins do Romantismo, quando esses escritores, artistas e livres-pensadores podiam ainda se desfamiliarizar em relação aos conceitos então correntes sobre o estrangeiro, paulatinamente vai se estreitando

com as inovações tecnológicas e do setor de serviços. Ao navio a vapor e ao trem sucedem-se a invenção do automóvel de passeio, por volta de 1890, que na segunda década do século seguinte passa a ser produzido em série. Pouco depois, inicia-se a era do avião.

Ao estreitamento das distâncias e ao conforto dos hotéis, soma-se a invenção da máquina fotográfica portátil Kodak em 1888, compondo-se assim os elementos para a banalização da viagem, para a reprodutibilidade técnica das imagens e dos relatos de viajantes. A esses fatores, agregam-se ainda as conquistas trabalhistas do século XX, tais como o fim de semana remunerado, as férias remuneradas e o 13º salário, condições para o surgimento e desenvolvimento de uma atividade voltada ao comércio de uma pausa relaxante na rotina do trabalho, para que a ela o trabalhador possa retornar com mais vigor. Assim, a viagem, que passa a ser um fim em si mesmo para aristocratas, artistas, poetas, livres-pensadores e curiosos, começa a se tornar acessível à média e pequena burguesias e às classes operárias no decorrer do século XX, é o advento do turismo de massa e popularização dos pacotes turísticos, criados por Thomas Cook.

Mas, nos pacotes turísticos, destinados ao entretenimento das massas, estas levam consigo a sociedade da qual pretendem fugir, pois no vizinho cada um encontra semelhantes expectativas de evasão, entretenimento e desejos de consumo; todos também carregam a memória de semelhantes conflitos e condições de trabalho. O próprio itinerário segue o modelo da linha de montagem e das regras da produtividade por escala do sistema capitalista: uma atração atrás da outra, com pausas cronometradas, e quanto maior for o grupo, mais os custos se diluem, barateando os preços para o consumidor final do pacote. Esse processo em que o local de pertencimento e a rotina do trabalho acompanham o turista em viagem se intensifica em fins do século XX, com a invenção do telefone celular e do notebook, grilhões que não permitem o desligamento do ponto de partida. Para Enzensberger (1985: 220):

O turismo, inventado para libertar seus seguidores da sociedade, levava-a consigo na viagem. A partir de então, seus participantes liam, no rosto dos vizinhos, o que tinham tencionado esquecer. Naquilo que viajava com eles espelhava-se o que haviam deixado atrás. O turismo é, desde então, o reflexo da sociedade da qual se procura escapar.

Um possível desdobramento para as reflexões de Enzensberger sobre as origens do turismo e suas relações com a Literatura de Viagens pode ser encontrado no artigo “Para uma Teoria da Literatura de Viagens”, de Fernando Cristóvão (2002). Este crítico português afirma que, com o desenvolvimento do turismo de massas, torna-se incerto o relacionamento entre a Literatura e a viagem turística. Afinal, com o turismo todos podem ir a qualquer parte, mata-se assim a expectativa e a narração maravilhosa.

Cristóvão (2002: 35) considera a Literatura de Viagens como um subgênero literário, no sentido de esta ser uma modalidade, interdisciplinar, do gênero narrativo, que ele assim conceitua:

Por Literatura de Viagens entendemos o subgênero literário que se mantém vivo do século XV ao final do século XIX, cujos textos, de carácter compósito, entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas.

E não só à viagem enquanto deslocação, percurso mais ou menos longo, também ao que, por ocasião da viagem pareceu digno de registro: a descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes, bem como os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais, segundo uma mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã.

Nessas considerações de Cristóvão identificamos elementos básicos que permitem reconhecer limites e características da Literatura de Viagens: o autor afirma que esse subgênero está restrito ao período compreendido entre o século XV e o final do XIX. O marco inaugural do século XV explica-se, por um lado, pela invenção da imprensa e conseqüente possibilidade de editar e adaptar ao gosto do leitor, inclusive incluindo ilustrações, obras até então manuscritas de viajantes medievais. Por outro lado, pela curiosidade que despertaram no público do Velho Mundo os relatos das viagens que se seguiram ao início da expansão marítima ibérica. A partir da II Revolução Industrial, considera o crítico que nada mais haveria de novo para ser narrado por viajantes, pois o mundo já estava todo explorado e mapeado. Haviam-se esgotado os três fatores por Cristóvão também assinalados: dificuldade do deslocamento, novidade e raro testemunho, propiciadores de experiências de deslumbramento para viajantes e destinatários de seus relatos, que também incluíam graus de efabulação. Com o aparecimento de novas tecnologias multiplicam-se as possibilidades de reprodução de imagens e narrativas, tais como a fotografia, o cinema, o rádio, a televisão e, mais recentemente, a internet. Substitui-se, assim, a expectativa pela narração do maravilhoso e do exótico, próprios de um tempo em que a viagem era rara, pela difusão de imagens que visam criar e afirmar a condição turística de determinados lugares e direcionar o olhar do potencial turista para seus atrativos, à medida que lhes são associadas sensações de bem-estar e de distinção social. Assim, provoca-se, segundo Cristóvão, a banalização dos relatos.

Para esse autor, os textos de Literatura de Viagens são interdisciplinares, pois entrecruzam-se com a História, a Antropologia e a ficção, revelando um olhar do viajante que configura uma imagem sobre o espaço e a cultura do outro. A viagem não é entendida apenas enquanto percurso mais ou menos longo e dificultoso, mas necessariamente inclui o que pareceu digno de registro devido à novidade e ao raro testemunho. Afirma também que os textos de Literatura de Viagens se distinguem

por uma qualidade literária aceitável, portanto, por um trabalho com a encenação e com os recursos da linguagem. Cristóvão propõe ainda uma tipologia em cinco categorias para as viagens e para os viajantes tradicionais.

A primeira delas refere-se à, talvez, mais antiga forma de viajar, que é a peregrinação. O “peregrino”, em geral, se desloca em grupo e parte em busca de um encontro com o divino; tipo existente, no mundo ocidental, desde a Grécia Antiga, nas peregrinações ao Templo de Apolo em Delfos, passando pela cristianização romana, quando os romeiros começam a se deslocar para a Terra Santa e para Roma, aos locais de martírio dos primeiros cristãos, transferindo-se para novos santuários europeus a partir da Idade Média, como o de Santiago de Compostela. Das viagens a esse santuário galego, preservou-se o *Códice Calixtino*, manuscrito de meados do século XII, composto por uma coletânea de textos de autores diversos, ilustrados com iluminuras, entre eles o guia mais antigo para os peregrinos que faziam o Caminho Francês de Santiago, contendo conselhos práticos para o viajante, sua autoria é atribuída a Aymeric Picaud. Nas representações iconográficas, é comum os peregrinos medievais aparecerem com seus utensílios característicos: a cabaça para a água, o alforje para o alimento, o bordão, a capa, o chapéu e a concha de vieira, frequentemente costurada ao chapéu. Na tradição cristã medieval, a concha pode sugerir a mão dadivosa do peregrino e o batismo, que é ritual de purificação e de transformação anímica. Por vezes, a própria pia batismal assume a forma da concha. Na atualidade, ainda podem ser encontrados, às portas de igrejas do interior da Europa, mendigos que estendem uma concha para receber a esmola. As viagens de peregrinação chegam até o presente, nas romarias e viagens guiadas aos roteiros bíblicos, assumindo ainda outras formas, já laicizadas:

Com a laicização moderna, muitos desses ritos religiosos foram herdados para servirem de expressão aos grandes sentimentos coletivos. Assim, por exemplo, aos santuários vieram substituir-se os mausoléus onde grandes figuras políticas foram exumadas, às procissões sucederam os cortejos cívicos, às vigílias de Natal, da Páscoa e das grandes festas litúrgicas sucederam as vigílias de protesto contra o racismo ou a pena de morte junto às Embaixadas, e muitos outros gestos copiaram variados rituais da peregrinação. (Cristóvão 2002: 38-39)

A segunda categoria é composta pelas viagens de comércio. O “mercador” era alguém que podia percorrer longas distâncias por terra e mar, assim entrava em contato com diferentes culturas. Embora as viagens de comércio tenham rendido descrições de rotas e mapas, em geral há menos relatos motivados exclusivamente por essas viagens. O próprio Marco Polo foi comerciante, mas foi também viajante de serviços, tendo sido diplomata da corte do imperador mongol Kublai Khan.

O terceiro tipo são as viagens de expansão, que se subdividem em expansão da fé, expansão política e expansão científica. Do “explorador” que serve à expansão política, encontramos exemplos nos navegadores e escrivães de bordo que deixaram

relatos na forma de cartas e diários, como a *Carta de Achamento do Brasil*, de Pero Vaz de Caminha. Os relatos referentes à expansão religiosa distinguem-se daqueles escritos por peregrinos, cujas viagens eram mediadas muito mais por uma mentalidade medieval, polarizada pelo culto dos santos e das relíquias. Enquanto os textos que testemunham a expansão religiosa revelam uma vontade de conquista das mentalidades das pessoas nos novos mundos achados, como pode ser exemplificado pelos Sermões do Padre Antonio Vieira, sobretudo o que incita à luta contra os holandeses. Do “explorador” que visa ao conhecimento científico, encontramos exemplos nas expedições de Langsdorff, Humboldt e Charles Darwin.

A quarta categoria é a da viagem erudita, de formação ou de serviço. O “viajante de erudição” ou de “serviço”, que visa ampliar sua formação ou que viaja como diplomata, estudioso ou em missão tem como exemplo o *Grand Tour*, realizado por jovens aristocratas ingleses desde fins do século XVII pela Europa Continental e que culminava na Itália, naquelas viagens feitas por literatos e livres pensadores como Montaigne e Goethe, ou na Missão de artistas franceses que vieram ao Brasil no início do século XIX. Assim Cristóvão (2002: 49) apresenta esse tipo de viagens:

São viagens em que a aquisição de conhecimentos é a preocupação maior, quer se trate de conhecimentos científicos, ou de cultura geral, capazes de provocarem novas ideias e hipóteses.

E quanto aos viajantes, são diferentes dos outros. Não têm, em geral, espírito de aventura, nem realizam actos de coragem dignos de serem recordados. São príncipes, preceptores, artistas, eclesiásticos, bolseiros de diversos tipos, intelectuais críticos que não se acomodam à estreiteza política, cultural, religiosa ou artística dos seus países, desejosos de encontrar fora de fronteiras o que lhes falta dentro.

Por meio de escritos irão contribuir para a renovação cultural dos seus concidadãos.

Michel de Montaigne contribui para moldar o paradigma do viajante de erudição. Entre 1580 e 1581, o livre pensador francês empreendeu uma viagem por França, Alemanha, Áustria, Suíça e Itália, que durou cerca de dezoito meses. Durante o percurso escreve um detalhado diário de viagem, inicialmente ditado a um serviçal que o acompanhou durante parte do percurso, depois escrito de próprio punho; diário este que somente foi publicado em 1774. Em sua passagem por Roma, descreve, por exemplo, em detalhes um ritual de circuncisão judeu, como também um exorcismo e a conversa que depois teve com o padre, que lhe explicou sobre as categorias de demônios. Visita a Biblioteca do Vaticano, onde aprecia, entre outros livros, manuscritos de Sêneca e de Virgílio. Intrigou-o bastante os rituais ligados a uma procissão a que assiste durante a Semana Santa: havia pelo menos quinhentos penitentes que se dirigiam à Basílica de São Pedro, davam-se golpes nas costas e tinham a pele completamente arruinada. Montaigne observa que já pareciam não sentir a dor das próprias chibatadas. Comenta que pelos sapatos e roupas que trajavam deviam ser pessoas de poucos recursos, que se vendiam para esse serviço,

pois quando chegavam à Basílica de São Pedro e viam as imagens santas, logo se dispersavam e davam lugar a outros penitentes. Na véspera da Páscoa, na Igreja de São João de Latrão, Montaigne assiste ao espetáculo da exposição pública das cabeças de São Pedro e São Paulo e duvida da legitimidade das relíquias, pois considera que parecem máscaras, dada a limpeza e o esmero das formas. Ao visitar a Capela de Nossa Senhora de Loreto, Montaigne comenta que é proibido retirar pedaços dos muros para levar como lembrança ou relíquia, pois se fosse permitido não iria sobrar nem para três dias.

Michel de Montaigne (1986: 38-39), durante sua passagem pela Alemanha, conforme dita ao escrivão que o acompanhava, afirma sentir falta de três coisas: de levar um cozinheiro para que aprendesse sobre os pratos do percurso, assim o livre-pensador poderia reexperimentá-los quando retornasse à França; de um erudito companheiro local, que pudesse instruí-lo sobre cada cidade percorrida, sobre sua cultura e história; e de um exemplar da *Cosmografia Universal* (1552), de Münster, ou outra obra semelhante, para que também assim pudesse aprender sobre os lugares, os monumentos e suas especificidades culturais. Três elementos que mostram o interesse de Montaigne pelo outro, o caracterizam como viajante de erudição e fazem dele um referencial para a poeta-viajante brasileira Cecília Meireles: interesse em aprender com a culinária do outro, interesse em saber o que o outro pensa de seu próprio lugar e interesse em viajar informado previamente sobre os lugares por onde transita.

As viagens imaginárias são a quinta categoria. Cristóvão cita como exemplo *As Viagens de Gulliver* (1722), de J. Swift, a que poderíamos acrescentar o conto *Em Terra de Cego*, de H. G. Wells, *As Cidades Invisíveis*, de Italo Calvino, ou o romance juvenil contemporâneo *Por Onde Você Andou, Robert?* (1996), de Hans Magnus Enzensberger. Assim Cristóvão (2002: 51) trata da distinção entre a viagem real e a imaginária:

Tão natural é a ligação do maravilhoso com a viagem que lhe dá acesso, que também a viagem real dificilmente escapa a ser descrita em termos de ficção. Mas respeitando uma diferença fundamental: na narrativa da viagem real, a estrutura assenta na verdade ou na verossimilhança, sendo os elementos imaginários meros ornatos; na narrativa da viagem imaginária, é ao real que cabe o papel de ornamento.

A essa tipologia poderíamos, por exemplo, acrescentar os relatos de migrantes, de viajantes de negócios e do passante ou *flâneur*, tradição esta última que vem de Edgar Allan Poe e de Charles Baudelaire, passando, na Literatura de Língua Portuguesa, por Cesário Verde e Fernando Pessoa, que escreveu o caderno *Lisboa: o que o turista deve ver*. O passante, que se atém aos monumentos e à fugacidade das cenas urbanas, contemporaneamente pode ser entrevisto, por exemplo, em fragmentos do angustiante romance *Memória de Elefante*, de António Lobo Antunes, que repercute não só Cesário Verde, como também outros escritores de Língua Portuguesa, além de abundantes imagens referenciadas na pintura. Exemplos estes que situam a Literatura de Viagens como gênero não só interdisciplinar, mas também

intertextual e limítrofe à ficção, à biografia e à poesia, além de frequentemente imiscuir-se em obras criadas com intenções e formas romanescas ou poéticas.

Embora Cristóvão considere as viagens e as categorias de viajantes no contexto histórico em que admite que teria prosperado a Literatura de Viagens, isso não parece impedir que tomemos sua tipologia para pensar os conceitos do viajante contemporâneo. Por exemplo, a figura do viajante de erudição, de formação e de serviços não está restrita a livres-pensadores, artistas e poetas do Iluminismo e do Romantismo, mas está presente também em escritores-viajantes contemporâneos como Sartre, Octavio Paz, Mário de Andrade, Cecília Meireles, entre outros, o que poderia sinalizar para uma renovação da Literatura de Viagens no século XX.

Assim, o turismo de massa não teria matado a Literatura de Viagens, esta permanece como resultante da singularidade de um olhar sobre experiências em outros espaços, que busca sua forma expressiva na linguagem a partir de um trabalho de seleção e de transfiguração da memória. Podemos encontrar, principalmente em textos de escritores-viajantes, um viés poético que os tornam capazes de provocar o deslumbramento no leitor, não tanto pela novidade das referências imediatas, ou da efabulação construída a partir delas, mas pela força lírica que o olhar sensível e inteligente transmite. Força lírica essa perceptível no poder que o texto tem de provocar certo estranhamento no leitor, por meio dos recursos de linguagem com que o autor transfigura e plasma sua experiência de viagem – real ou imaginária –, tais como intensificação de sonoridades, metáforas, metonímias, sinestésias, antíteses, personificações, elipses, ironias. O escritor-viajante põe em evidência mais as funções poética e emotiva da linguagem que, propriamente, a referencial, cujo papel era muito mais significativo na Literatura de Viagens tradicional, tal como entendida por Cristóvão. Além disso, a singularidade do olhar do escritor-viajante pode desencadear referências intertextuais sobre o espaço visitado, adensando a carga semântica do texto.

Mário de Andrade é exemplo de viajante de formação e efabulador, imaginando outros percursos a partir de itinerários reais. Pode-se dizer que os registros da viagem realizada por ele à Amazônia em 1927, compilados no volume *O Turista Aprendiz*, pertencem legitimamente à Literatura de Viagens contemporânea. Esses relatos preservam os três fatores assinalados por Cristóvão (2002: 29), que, conjugados, seriam responsáveis pelo interesse e o encanto das narrativas de viagem: “a longa distância, a novidade encontrada, o reduzidíssimo número de testemunhas”. Para fins de exemplificação, podemos nos deter brevemente na narrativa intitulada “Na Tribo dos Pacaás Novos”. O narrador relata sua chegada, com as companheiras de viagem², de barco, até as proximidades da aldeia onde viveriam os Pacaás Novos. Conta-nos que suas companheiras abandonam a caminhada até a aldeia, o que o narrador atribui a um forte cheiro, que se tornava mais repulsivo à medida que dela se aproximavam. Assegura, com essa estratégia, uma das condições para que seu relato desperte o encantamento no leitor: a

² Mário de Andrade, de fato, viajou à Amazônia, em 1927, acompanhado de Dona Olívia Guedes Penteado, Margarida Guedes Nogueira e Dulce do Amaral Pinto.

expectativa pela história insólita, de raras testemunhas. Além disso, introduz elementos claramente ficcionais numa obra que, no conjunto, tem também compromisso documental. O aspecto da longa distância está assegurado pelo próprio destino do viajante: a Amazônia, em 1927, região de difícil acesso, principalmente em seus interiores. O estranhamento do viajante ou a novidade da experiência, que também afetará o leitor, começa a ser construído a partir da reação dos meninos nativos que encontram o “estrangeiro”, o outro, a partir da perspectiva deles: “Quando cheguei, uns curumins brincando no trilho deram o alarme de maneira estranha, sem um grito. Saltavam movendo as perninhas no ar com enorme rapidez e variedade de gestos pernís” (Andrade 2002: 84). Estranhamento que se mantém ao chegar à aldeia, quando percebe que a comunicação entre os membros da tribo se fazia mesmo através dos “gestos pernís” e que boca e fala eram elementos tabus. Relato que se constrói a partir do tema, tratado de forma cômica e até auto-irônica, das diferenças culturais, lembrando o também magnífico conto, de viagem imaginária, de H. G. Wells, intitulado “Em Terra de Cego”.

Também escritora-viajante do século XX, Cecília Meireles realizou, por conta própria, inúmeras viagens de erudição, nas quais pôde constatar e ampliar conhecimentos sobre culturas estrangeiras, além de viagens de serviços, a propósito de ministrar cursos no exterior, como a que realizou aos Estados Unidos em 1940, ou participar de congressos, como o que motivou sua viagem à Índia em 1953. Além disso, a poeta-viajante esboça, em suas crônicas, uma tipologia do viajante e do turista, calcada em leituras do filósofo chinês Lin Yutang, cuja obra, *A Importância de Viver*, resenhou para sua coluna “Professores e Estudantes”, do jornal carioca *A Manhã*, no início dos anos de 1940. Os conceitos de turista e viajante em Cecília Meireles nos podem remeter também ao ensaio de Walter Benjamin (1987) intitulado “A Obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, cuja primeira edição em francês data de 1936, embora não possamos ter nenhuma certeza de que ela tenha lido esse pensador alemão, pois a biblioteca da poeta não se tornou pública até o presente. Benjamin (1987: 166-170) discute os impactos das técnicas de reprodutibilidade de objetos e imagens na recepção artística e a consequente perda da aura. Distingue o valor de culto e o valor de exposição dos objetos de arte, este último essencialmente vinculado à sociedade de massas e à reprodutibilidade técnica das imagens, que se intensifica a partir da invenção da fotografia no século XIX. Essa distinção proposta por Benjamin (1987: 172-176) contribui para compreender diferenças entre o olhar do viajante e o do turista em suas acepções modernas tal como são concebidas por Cecília Meireles: o primeiro tende a “cultuar” o lugar visitado, a experimentar a “aura” deste, enquanto o segundo tende a valorizar a exposição das coisas oferecidas ao olhar em trânsito, independentemente do sentido que elas poderiam ter em seu contexto original. Enquanto o viajante tenta, diante da obra de arte ou do lugar contemplado, recriar imaginariamente o mundo da tradição em que o objeto está inserido e por isso pode evocar uma infinidade de referências intertextuais, o turista provoca o deslocamento deste para o seu próprio mundo. Os perfis do turista e do viajante são propostos por Cecília Meireles na crônica “Roma,

Turistas e Viajantes”, de 1953, compilado no 2º tomo de *Crônicas de Viagem* (1999). Observemos dois parágrafos desse texto:

O turista fotografa as belas fontes de Roma e sente-se feliz, porque as leva consigo, no papel. (Às vezes, a algum ocorre comprar alguma, ou arrancá-la do lugar, para enfeitar o seu jardim, noutros países: mas em geral aparece uma autoridade que se opõe a essa curiosa ideia.) O viajante, em Roma, também gostaria de mudar certas coisas, - mas para restituí-las aos seus antigos sítios: portas, colunas, estátuas que perderam seus edifícios, seus palácios, seus templos, seus pedestais, seus nichos, nessa grandiosa superposição de Roma, em que os séculos todos se abraçam e confundem.

O viajante, em Roma, sente-se perdido, cercado por essas sobrevivências que o solicitam, que se impõem ao seu pensamento, que exigem a sua atenção para velhíssimos pormenores de sua história. Que poderão elas dizer ao turista apressado, ao venturoso turista que passa por elas como as salamandras pelo fogo, sem se impressionar? (Mireles 1999: 103)

Em Cecília Meireles, a viagem e as reflexões que desperta na poeta podem ser compreendidas em seus vínculos com a forma da peregrinação. John Urry (2007: 26), na obra *O Olhar do Turista*, divide a viagem de peregrinação em três estádios. O primeiro é o da separação social e espacial do lugar de residência e dos vínculos sociais; no segundo estágio, suspensos os laços convencionais, vive-se intensa relação comunitária com os demais peregrinos e pode ocorrer uma experiência direta do sagrado; no terceiro, o peregrino retorna revigorado à sua comunidade de origem, onde é reintegrado, podendo dar testemunho de suas experiências.

A viagem turística contemporânea preservaria, de acordo com John Urry, essa mesma forma em três etapas, próprias da peregrinação: deslocamento em relação ao lugar de pertencimento; vivência comunitária com os demais turistas e a “epifania” (ou, melhor dizendo, o prazer ou descarga de tensão) provocada pelas atrações que se sucedem em cada dia do roteiro turístico; ao retornar para casa, revigorado para o mundo do trabalho, o turista pode dar testemunho de sua experiência por meio de relatos, fotografias e *souvenirs*. Entretanto, como vimos em Enzensberger e em Cristóvão, a experiência turística está acessível a todos, seja diretamente, pelas inúmeras facilidades de viajar que se desfruta em tempos de “aeridade” e de turismo de massa, ou indiretamente, por meio de filmes, documentários televisivos, desenhos animados, viagens virtuais pela internet ou ainda pela reprodução de imagens e relatos em livros e revistas. O turista transforma-se assim em um narrador às avessas, aquele que, contradizendo o modelo do narrador tradicional apresentado por Walter Benjamin, no ensaio “O Narrador”, nenhuma sabedoria teria a transmitir. O turista poderá tornar-se, na visão de Enzensberger, em agente de propaganda do itinerário percorrido, como espaço e momento de evasão, e da empresa organizadora do pacote. Além disso, embora ocorra, na viagem de fato, um deslocamento espacial,

vimos que as relações sociais de origem continuam a se fazer presentes por meio dos companheiros de rota e da portabilidade dos novos equipamentos de comunicação.

Na crônica “Roma, Turistas e Viajantes”, de Cecília Meireles, há uma consciência crítica em relação ao turismo de massa; por outro lado, a experiência do sagrado, própria da peregrinação tradicional, é laicizada e transposta em espraçamento sensorial e afetivo, a partir da subjetivação dos espaços e da riqueza dialógica que estes entretecem com sua discreta erudição. Em Cecília, a peregrinação é essencialmente exercício para se autoconstruir. Os vínculos sociais com o lugar de origem, primeiro estádio, são suspensos apenas na aparência, pois na escritora são comumente os vínculos e a cultura de origem que medeiam a experiência sensível da viagem e a compreensão dela, ao se plasmar em forma escrita. São, de fato, os vínculos de origem, afetivos e culturais, que motivam a poeta a se pôr a caminho. Encontramos claramente expressa essa mediação em uma crônica como “Meus ‘Orientes’”, publicada na obra póstuma *O que se diz e o que se entende* (1980), em que Cecília aborda a origem de seu interesse pelo Oriente:

O Oriente tem sido uma paixão constante na minha vida: não, porém, pelo seu chamado “exotismo” – que é atração e curiosidade de turistas – mas pela sua profundidade poética, que é uma outra maneira de ser da sabedoria. Como se cristalizou em mim esse sentimento de admiração emocionada por esses povos distantes, não é fácil de explicar em poucas linhas. Mas foi uma cristalização muito lenta, dos primeiros tempos da infância. E lembro-me nitidamente desses antigos encontros, que me deixavam tão pensativa e interessada, antes que eu pudesse adivinhar, sequer, a sua significação. (Meireles 1980: 36)

A partir dessa introdução ao tema da viagem ao Oriente, que a levará a explicar seu caminho até a Índia e a singularização dos espaços transitados e dos encontros humanos que teve por lá, Cecília desfia reminiscências de imagens da infância, quando a avó Jacintha e a babá Pedrina lhe contavam histórias, entoavam canções e mostravam-lhe imagens e objetos que evocavam o Oriente. Referências que remetem à construção prévia de um imaginário sobre os lugares por onde depois viajou, à intertextualidade e à efabulação que se entretecem nos registros das experiências de viagens.

Antes das viagens reais, Cecília Meireles realizava viagens imaginárias como observadora atenta do mundo à sua volta, leitora, tradutora e escritora também de literatura infantil, que compuseram o filtro a partir do qual dialoga com as culturas estrangeiras que visita. Essas experiências de viagens reais são retranscritas e transfiguradas, plasmam-se em crônicas e poemas, textos literários que são também Literatura de Viagem. Processo este que a própria Cecília Meireles explicita ainda na crônica “Meus ‘Orientes’”, ao falar das ilustrações de figuras orientais, das cantigas e das histórias que lhe apresentavam a babá Pedrina e a avó Jacintha. Numa canção conhecida por Pedrina, o eu-lírico dizia amar uma moça que habitava o Império Chinês, “num palácio de louça vermelha, sob um teto de azul japonês” (Meireles

1999: 37). Essa condensação de imagens de China e Japão lhe causava a impressão de grande mistério, por isso tentava entrar em um enorme jarro, que assimilava à sua fantasia oriental, para encontrar aquelas terras distantes e misteriosas. Nas noites de febre, a avó “começava a história da princesinha que tinha uma estrela de ouro na testa” (Maireles 1999: 38). A história não passava do título, pois a menina adormecia. No entanto, o título era suficiente para impressioná-la e fazê-la gravar a imagem. Na vida adulta, seu interesse pela literatura e pelo espiritualismo oriental irão se expressar na leitora assídua que será da literatura persa, chinesa e indiana, especialmente de Tagore, na influência da poesia oriental em suas duas primeiras obras poéticas, no estudo solitário de línguas orientais, nas traduções de poetas hindus, persas e chineses, em parte feitas sobre versões ocidentais. Na decoração, inspirada em *As Mil e uma Noites*, da primeira biblioteca infantil do Brasil que irá fundar, juntamente com seu primeiro marido, o artista plástico Fernando Correia Dias, no Pavilhão Mourisco, em Botafogo, no Rio de Janeiro. No poema que irá compor em homenagem a Gandhi e que será o motivo para que Nehru a convide a visitar o país, então recém-independente, e a participar de um congresso internacional em homenagem ao herói nacional da libertação da Índia. Pôr-se a caminho daquele país, por um lado, parece ser, simbolicamente, o modo de dar continuidade a essas histórias da infância, que movem a narrativa da própria vida da escritora. Renovação subjetiva a partir de um contato com outro mundo, segundo estágio da peregrinação, que é também regresso ao mundo infantil, ressignificação deste e de suas leituras e interesses pelo Oriente:

E no dia em que me encontrei, na Índia, com tantas moças maravilhosas, tendo na testa aquele sinal que foi indicação de casta e hoje é simples adorno, sinal que pode ser de tinta vermelha ou de diamante, percebi que eram aquelas as minhas antigas princesinhas, que eu ia encontrar tão longe, quando o Oriente se abriu, claro e amável, sobre os meus remotos “orientes”. (Maireles 1980: 38)

A visão das moças indianas se abre sobre os “remotos ‘orientes’” da poeta, mas a vivência, embora se espalhe em afetos e em cromatismo sensorial (“tinta vermelha ou de diamante”), é também compreensão, depende de uma certa bagagem de cultura letrada a capacidade de atribuir significado ao sinal que as moças põem na testa.

Se, simbolicamente, a viagem ao Oriente é afastamento que, ao mesmo tempo, dá continuidade e ressignifica a história de vida da poeta – configurando-se os dois primeiros estágios da peregrinação; por outro lado, essa viagem – como outras várias – dará origem a um grande número de crônicas e poemas que tematizam a Índia. Textos de que está ausente o exotismo orientalista, se entendermos este, como o faz Edward Said, como uma construção pelo Ocidente de um imaginário estereotipado sobre o Oriente. Inserida na tradição de Montaigne e Delacroix, pelo contrário, Cecília revela uma tentativa de aproximação e de compreensão da cultura do outro. Cumpre-se aqui o terceiro estágio da peregrinação, o retorno ao lugar de origem e o

momento da compreensão da viagem, que se concretiza e se fixa em escrita. Obra destinada ao outro, que não é mero relato linear que registra aspectos da cultura estrangeira, mas que os transfigura literariamente, fundindo aspectos da crônica, da poesia, do relato de viagem e da efabulação ficcional, além de conter densa, mas comumente elíptica ou alusiva, carga de referências intertextuais.

TRAVEL AND TRAVELERS: A CONTEMPORARY TRAVEL LITERATURE

Abstract: Relating the historical panorama of travel and tourism to Travel Literature. Proposing a contemporary Literature of travelers, founded in the singularity of the glance, transfiguration of the experience by the language and intertextual references that the spaces unchain in the traveler's mind.

Keywords: travel literature; pilgrimage; tourism; Cecilia Meireles.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

BENJAMIN, Walter. A Obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Obras Escolhidas - Magia e Técnica, Arte e Política*. 3 ed. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CRISTÓVÃO, Fernando. Para uma Teoria da Literatura de Viagens. In: CRISTÓVÃO, Fernando (Org). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens - Estudos e Bibliografias*. Coimbra: Almedina, 2002.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. *Com Raiva e Paciência*. Tradução: Lya Luft. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GIL, Juan. Viajes e Viajeros. Modalidades y motivaciones desde la Antigüedad clásica hasta el Renacimiento. In: CRISTÓVÃO, Fernando (Org). *O Olhar do Viajante - Dos Navegadores aos Exploradores*. Coimbra: Almedina, 2003.

GUARALDO, Laís. Delacroix no Marrocos e a Inversão do Exótico. In: *Viagens, Viajantes e Deslocamentos*. Projeto História, nº 42, junho de 2011, revista da PUC-SP.

JOUBIN, André. *E. Delacroix: viaje a Marruecos y Andalucía - Cartas*. Barcelona: Ed. José J. de Olañeta, 1984.

MEIRELES, Cecília. *O que se diz e o que se entende*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. *Crônicas de Viagem - 2*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MONTAIGNE, Michel de. *Diario de Viaje a Italia, por Suiza y Alemania*. Traducción: Jaume Casals Pons. Barcelona: Ediciones Península, 1986.

URRY, John. *O Olhar do Turista*. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: SESC-Studio Nobel, 2007.

ARTIGO RECEBIDO EM 30/08/2012 E APROVADO EM 04/10/2012.